

Até que a morte nos separe: relações de gênero em anúncios de Obituários do Jornal Diário Catarinense de 2014

CRISTIANE DE C. RAMOS ABUD*

*Na ignomínia noticiada pelos jornais
esta consentida memória dos mortos
para sempre insepultos
porque não existe vala comum
para os gritos da mulher
rasgada à baioneta
numa manhã inocente (SAÚTE, 1993:63).*

Segundo Scott (1995:88), “estabelecidos como um conjunto objetivo de referências, os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social”. Assim, estudar gênero implica adentrarmos na sua significação histórica, social e simbólica, contemplar o aspecto relacional entre homens e mulheres, entremeado por relações de poder, não sendo possível a compreensão de nenhum dos dois em um estudo que os considere totalmente separados. Nesse sentido, é fundamental perguntar: o que queremos comunicar quando utilizamos o termo gênero? A denominação de gênero, com o significado que lhe atribuímos hoje em dia, como categoria de análise histórica, surge, no último século, com o sentido de sexo na cultura em oposição ao sexo biológico.

No presente trabalho, utilizamos o conceito de gênero, trazido por Scott (1995: 14), segundo o qual “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. A partir dessa concepção, a relação entre os sexos não se coloca como algo natural, dado pela natureza, mas sim como uma relação socialmente construída e constantemente renovada. Perrot (2007:16) chama a atenção para o fato de que essa história da qual falamos é uma história de homens narrada para homens, pois,

As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou, pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal.

É importante que façamos uma desconstrução da história do masculino e do feminino, no sentido de demonstrar como esses conceitos foram produzidos e construídos, ao longo da história da humanidade. Tal desconstrução auxiliar-nos-á na tarefa de refletir sobre quanto do

* Programa de Pós-Graduação em Educação - UDESC/Florianópolis. Doutoranda em Educação. Mestre em História do Tempo Presente pelo PPGH/UDESC.

comportamento masculino e feminino, em nossos dias, ainda está associado a épocas antigas, sem que, ao menos, nos demos conta disso. Pensemos em quantos dos comportamentos que, atualmente, repetimos e temos por natural já eram, em outras épocas, esperados dos sujeitos masculinos ou femininos. Inclusive Bourdieu (2002) manifesta sua surpresa ao perceber como as relações de dominação ainda se perpetuam tão facilmente e são vistas, de forma permanente, como naturais e aceitáveis. Apesar dos movimentos contrários, a tendência de manter a estrutura que está dada se mantém com toda sua força e sutileza.

A partir deste aparato teórico, será apresentada aqui a análise de 32 anúncios de obituários divulgados no Jornal Diário Catarinense, coletados durante o ano de 2014. Destes 32, 16 são destinados a anúncios femininos e 16 a anúncios masculinos. O obituário surgiu como gênero jornalístico na Inglaterra, mas se tornou mais conhecido quando foi reestruturado nos Estados Unidos. Foi apenas na década de 1960 que ganhou uma nova “roupagem” preconizando a alegria, contradizendo a tristeza da morte. Nessa mesma década que o obituário ganhou uma narração mais literária, sendo inserido no “hall” do jornalismo literário. Apenas nos anos 2000 o gênero de cunho literário entrou no Brasil, com a *Folha de São Paulo*. (SILVA, 2009:9).

Nos séculos XII e XIII, a fim de evitar que os mortos regressassem do além, os herdeiros — “os parentes carnis e os cônjuges” (LE GOFF, 2002:119) — deviam manter acesas as lembranças daqueles de quem herdaram o patrimônio. “Eles tinham que administrar uma memória que foi ao mesmo tempo pacificada e fecunda. O culto dos mortos foi primeiro um assunto de parentela, que consolidava as solidariedades carnis” (Id. Ibid:247). No século XIII surgem placas com inscrições que eram pregadas na parede das igrejas e pilastras. Elas continham inscrições como: “Aqui jaz fulano de tal, morto em tal data, de profissão... [...] Traduzem a vontade de individualizar o local da sepultura e de perpetuar a lembrança do indivíduo” (ARIÈS, 1989:40). A igreja era a mediadora entre o mundo dos vivos e o além, “Os obituários, listas organizadas de acordo com a ordem do calendário”(LE GOFF, 2002:251), eram livros que continham nomes dos nobres que eram recitados pelos padres a fim de lhes oferecer ajuda em troca de bens.

O obituário é um texto jornalístico difundido após a morte do indivíduo, que se utiliza de recursos literários para contar histórias de vidas curiosas, importantes e atraentes. Ele narra, “com extraordinário interesse, a vida de milhares de pessoas que fizeram alguma diferença — e que [são ou] não são conhecidas ou reconhecidas pela maioria dos leitores”

(SUZUKI JR., 2008:291). Todavia os obituários não fazem escolhas ao acaso. Eles “representam as atividades da memória social ou coletiva” (FOWLER, 2008:25) e também caracterizam-se por minúcias sobre a vida; “O detalhe é tudo em um obituário” (SUZUKI JR., 2008:299). Os textos são apurados a partir de diversos pontos da história do morto. O jornalista se isenta de críticas, porém faz leves comentários sobre a pessoa a respeito de quem escreve (conduta, modo, peso, altura etc.). O obituário carrega diversos aspectos da vida de um sujeito e resume em partes o que o representa como: o que o indivíduo era, e aquilo que era importante para ele.

O bom [obituário] seria algo difícil de definir, pois [é] uma espécie de retrato instantâneo do sujeito. ‘Ele não revela tudo, ele transmite uma impressão vívida e precisa. Se o instantâneo é claro, o leitor tem uma rápida visão do sujeito, de suas conquistas, de suas fraquezas, de seu tempo’ (SUZUKI JR., 2008:297).

Interessante é perceber nos obituários analisados algumas características permanentes em todos os anúncios de obituários de mulheres, legitimando as representações históricas e culturais com relação ao feminino.

As idades das mulheres nos obituários são a partir dos 45 anos, sendo a maioria com mais de 60 anos, casadas, com cinco filhos ou mais, possuem também netos e algumas bisnetos. Os anúncios enfatizam o casamento destas mulheres nas idades entre 19 a 21 anos com homens mais velhos e que sustentavam a família financeiramente, às mulheres dos anúncios cabia: dedicar-se a casa e aos seus afazeres; cuidar dos filhos e netos; cuidar do jardim da casa; bordar; freqüentar a missa; dedicar-se à Igreja e aos trabalhos comunitários.

Perrot (2007) afirma que, por muito tempo, as mulheres foram sempre narradas, lembradas, representadas pelos homens, através do olhar masculino. E elas, por um longo período, estiveram na sombra da história. Assim, na mitologia, a mulher sempre foi a desqualificada. O princípio masculino, além de ser o princípio da ordem, é o que põe ordem no feminino. Da mesma forma, nas religiões monoteístas, também a mulher aparece como a figura desqualificada, aquela que foi criada para fazer companhia ao homem, para lhe servir. Com o aumento da importância da família, na sociedade, e com o crescente interesse das Ciências, em que o corpo da mulher também passa a ser objeto de interesse de estudos, a história da mulher foi sendo resgatada das sombras, embora essa Ciência venha a reafirmar a inferioridade feminina.

À mulher sempre coube o papel do lado escuro e inferior: o receptáculo. Representante do espaço privado, “rainha do lar”, mãe dedicada e esposa submissa. Essas representações atravessaram os tempos e estabeleceram o pensamento simbólico da diferença entre os sexos.

Através dos discursos históricos e culturais da família, da escola, da Igreja, do Estado, da vida em sociedade, aconteceu um movimento de eternização das estruturas da divisão sexual. Essa divisão nos remete à história continuada da criação das estruturas objetivas e subjetivas da dominação masculina, de forma tão silenciosa, poderosa e permanente, que nos parece natural, como se sempre estivesse aí, desde que existem homens e mulheres. Nesse sentido, dizemos que todas essas práticas e linguagens constituíam e constituem sujeitos femininos e masculinos; foram e são produtoras de marcas. Elas marcam os sujeitos, de forma articulada, confirmando identidades e práticas.

A Igreja e seus discursos, entre outras instâncias, são considerados importantes pilares de sustentação, ao longo de boa parte da história da humanidade, da dominação sobre as mulheres. Ela dita normas e costumes, determina comportamentos e faz uma clara divisão entre o bem e o mal, entre o certo e o errado. Embora, muitas vezes, inconsciente, é ela que nos dita valores morais e nos faz lidar com a idéia de sermos pecadores. Seu poder é tão grande que, mesmo as pessoas que confessadamente não são religiosas, vivem conforme os preceitos dessa cultura judaico-cristã.

O discurso religioso influenciou, de maneira decisiva, o modo como a mulher é vista na sociedade ocidental. É um discurso poderoso, assim como outros que ditaram normas e regras na/para a sociedade, e seus efeitos sobre a imagem da mulher são devastadores e muito potentes. Pelo casamento, a mulher continua anexada ao homem, o que é conveniente, pois, se tornando dócil ao homem, ela assume a imagem de santa, mãe protetora, aquela que guarda pelo bem-estar de sua família. Os homens são os defensores das leis, da razão e das necessidades; ao passo que as mulheres conhecem as necessidades humanas e, como as santas, elas têm a doçura da caridade. A igreja faz da figura da Virgem um ícone da mãe sofredora, sacrificada, passiva e escrava do filho. Nesse sentido, a mãe é a própria encarnação do Bem, a guardiã da moral e aquela que conduzirá seus filhos pelos caminhos traçados. Ela é a *alma* da casa, do lar, da família. Para Beauvoir (1960), glorificar a mãe é aceitar os ciclos da natureza, a vida e a morte em sua forma animal e social, aceitando a harmonia da natureza e da sociedade. Importante ressaltarmos que a mulher é glorificada no espaço privado, dentro dos lares, em que ela é tida como “a rainha do lar”.

A partir do século XVII, houve um crescimento do sentimento maternal. Ser mãe era o que de mais importante podia acontecer na vida de uma mulher. A maternidade ocupava tanto a vida prática como a vida simbólica da mulher. Na vida prática, ela se via envolvida com os afazeres domésticos, garantindo alimentação, saúde e higiene para seus filhos. No plano simbólico, tornar-se mãe era a glória máxima para uma mulher, uma fonte de identidade, um acontecimento que a situava na vida da sociedade, sendo a função materna um pilar da sociedade, ela torna-se um fato social como ainda é vinculado nos anúncios dos obituários analisados e reforçados pelos adjetivos empregados nestes relacionados às mulheres, tais como: “carinhosa”, “meiga”, “dedicada”, “fiel”, “atenciosa”, “amorosa”, “santa”, “delicada”, “religiosa”, “zelosa”. Discursos que mais que descrevem as coisas do mundo, fazem-nas existir. Eles criam e dão sentido para a realidade em que nos encontramos, é através dos discursos que materializamos as verdades da nossa cultura. O discurso dá vida, dá movimento, sentimento ao corpo social e também ao corpo físico.

Eles são, em sua materialidade, constituidores de sentidos, fabricantes de realidade, estão ligados à questão da constituição dos sujeitos, sendo estes efeitos discursivos. O que está em questão, portanto, é que as práticas de poder e os jogos de verdades são produzidos pelos discursos e colocados em funcionamento nas práticas institucionalizadas. Então, o sujeito aparece como resultado da articulação entre, de um lado, as práticas institucionalizadas que o captam e, de outro, as práticas discursivas que o posicionam, nomeiam, produzem, julgam, evocam, (des) qualificam, hierarquizam, enunciam e o orientam.

Um exemplo de anúncio que simboliza esses discursos é o abaixo:

L. H.

A religião sempre fez parte da vida de L. H.. Luterana, a dedicação à fé era tanta que ajudou a fundar um coral misto e o grupo Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas Arco-íris, da Igreja Martin Luther, no bairro Progresso em Blumenau. Até os últimos dias, fazia em casa bordados e crochês para doar às igrejas. E jamais deixava de estar perto da família. Casada com A. H., teve cinco filhos, 14 netos e 13 bisnetos. Morreu no dia 8, aos 91 anos, vítima de parada cardíaca. Domingo, às 9h haverá o culto em memória de L. na Igreja Luterana Progresso. Diário Catarinense. Obituário. 25/10/2014.

Já os anúncios relativos aos homens enfatizam a importância do trabalho, o sucesso profissional, a formação acadêmica em nível superior, a participação em eventos sociais e festas, o carisma, romantismo e sedução.

O homem público sempre teve sua importância reconhecida, pela participação de forma ativa nas decisões de poder, organizando e direcionando a estrutura de poder e governo da sociedade. Para os homens, o espaço público e o político se tornaram uma espécie de santuário: eles (homens), no seu poder, tomam conta e governam tanto a família como o Estado, estabelecendo e organizando as leis. Sobre isso, Pateman (1993) esclarece que a necessidade dos homens de exercerem poder sobre as mulheres advém do fato de que era necessário ao homem garantir a paternidade de sua prole. Para que ele pudesse garanti-la, era preciso inventar mecanismos que lhe assegurassem a propriedade dos filhos. Assim, os homens originam a vida política e social.

Um exemplo de anúncio que evidencia as questões relacionadas às representações discursivas masculinas descritas segue abaixo:

A.R.

Ainda recém-nascido, A.R. deixou Indaial com a família e se mudou para Blumenau. Com o pai, aprendeu os primeiros passos de marcenaria, profissão a qual se dedicou até mesmo depois de ter se aposentado. Sempre alegre, ocupava as horas vagas passeando ou dançando com a mulher pelos bailes da região. O casal teve dois filhos e três netos. Para os filhos, A. vai deixar a lembrança de ter sido um bom pai, sempre prestativo, tranqüilo e trabalhador. E tinha também uma grande capacidade para fazer amigos, que atraía a admiração de quem vivia ao seu redor. A. morreu dia 9, aos 60 anos, vítima de tumor no mediastino. O sepultamento ocorreu no cemitério da Paróquia Santa Cruz, em Blumenau. Diário Catarinense. Obituário. 24 de abril de 2014.

Podemos inferir através das análises dos anúncios que os indivíduos que são recordados devem criar uma boa imagem de si. É preciso, enfim, que eles sejam dotados de qualidades eminentemente simpáticas. Ser um sujeito simpático é ser herói ligado diretamente pela identidade do leitor. Ele pode ser admirado, lastimado, mas deve ser sempre amado. Nos obituários os indivíduos são apreciados e de alguma forma amados. No discurso do texto

vende-se o sujeito aos leitores como sendo uma forma de indivíduo perfeito para ser recordado (SILVA, 2009:26).

Perceber a historicidade dos corpos, as práticas discursivas e as marcas sutis e invisíveis que o inscrevem, pode criar condições para questionarmos os dispositivos e as técnicas constitutivos de nossas subjetividades, e, talvez uma forma de se emergir movimentos de resistência e de outras formas de agir sobre si e os outros, “é também resistir aos seus significados; é não tomá-los como dados, universais, suficientes, é também resistir com esses significados” (SANTOS, 2002:114).

Compreender as relações de gênero como pertencentes aos discursos de ordem social, cultural e religiosa, permite entender não somente a posição das mulheres, em particular, mas também a relação entre sexualidade e poder dos atores envolvidos, sejam eles masculinos ou femininos; onde gênero torna-se uma categoria histórica, com imagens e representações datadas e contextualizadas. Discursos compreendidos além de um conjunto de signos e significados que se referem a determinadas representações, mas também, a “práticas que formam, sistematicamente, os objetos de que falam” (FOUCAULT, 1995:56).

Referências

- ARIÈS, Philippe. **Sobre a história da morte no ocidente desde a idade média**. 2 ed. Lisboa: TEOREMA, 1989.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. São Paulo: Edições da Difusão Européia do Livro, 1960.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- FOWLER, Bridgit. *Obituary as collective memory*. 1 ed. Nova York: ROUTLEDGE, 2007.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert & RABINOW, Paul (orgs.). **Michel Foucault**. Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. RJ:Forense, 1995.
- LE GOFF, Jacques. **Dicionário temático do ocidente medieval, v.1**. 1 ed. São Paulo: EDUSC, 2002.
- PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.
- SANTOS, Luis Henrique S. **Biopolítica de HIV/AIDS no Brasil: uma análise dos anúncios televisivos das Campanhas oficiais de prevenção (1986-2000)**. (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria Útil de análise Histórica. In: **Educação & Realidade**. Gênero e Educação. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

SILVA, André Kainan dos Santos. **Obituário contemporâneo**: vulgarização ou celebração da vida? Monografia. Trabalho de Conclusão do Curso Comunicação Social Jornalismo. UniCeub. Brasília, 2009.

SUZUKI JR., Matinas (org.). **Livro das vidas**: Obituários Do New York Times. 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2008.